

A POESIA DE EUCLIDES

Velhice Trágica

Por EUCLIDES DA CUNHA

Morrem os mundos... Silenciosa e escura,
Eterna noite cinge-os. Mudadas, frias,
Nas luminosas solidões da altura
Erguem-se, assim, necrópoles sombrias...

Mas p'ra nós, di-lo a ciência, além perdura
A vida, e expande as rútilas magias...
Pelos séculos em fora a luz fulgura
Traçando-lhes as órbitas vazias.

Meus ideais! Extinta claridade —
Mortos, rompeis, fantásticos e insanos
Da minh'alma a revôlta imensidade...

E sois ainda todos os enganos
E tôda a luz e tôda a mocidade
Desta velhice trágica aos vinte anos...

A Flor do Carcere

Por EUCLIDES DA CUNHA

Nascera ali — no limo sorridente
dos muros da prisão — como uma esmola
Da natureza a um coração que estiola —
Aquela flor imaculada e olente...

E êle que fôra um bruto e vil descrente
Quanta vez, numa prece, ungingo cola
O lábio sêco na úmida corola
Daquela flor alvíssima e silente!

E êle — que sofreu e para a dor existe.
Quantas vezes no peito o pranto estanca!
Quantas vezes na veia a febre acalma.

Fitando aquela flor tão pura e triste!...
— Aquela estrêla perfumada e branca
Que cintila na noite de sua alma...

Rimas

Por EUCLIDES DA CUNHA

Ontem — quando soberba escarnecias
Dessa minha paixão — louca — suprema,
E no teu lábio essa rósea algema,
A minha vida — gélida — prendias...

Eu meditava em loucas utopias.
Tentava resolver grave problema...
— Como engastar tua alma num poema?
E eu não chorava quando tu te rias...

Hoje que vives dêsse amor ansioso
E és minha — és minha, extraordinária sorte —
Hoje eu sou triste, sendo tão ditoso!...

E tremo e choro — pressentindo — forte
Vibrar — dentro em meu peito, fervoroso,
Esse excesso de vida — que é a morte...

D. Quixote

Por EUCLIDES DA CUNHA

Assim à aldeia volta o da "triste figura".
Ao tardo caminhar do Rocinante lento:
No arcaboço dobrado — um grande desalento.
No entristecido olhar — uns laivos de loucura...

Sonhos, a glória, o amor, a alcantilada altura
do Ideal e da Fé, tudo isto num momento
A rolar, a rolar num desmoronamento,
Entre os risos boçais do Bacharel e o Cura...

Mas, certo, ó D. Quixote, ainda foi clemente
Contigo a sorte, ao pôr nesse teu cérebro ôco
O brilho da Ilusão do espírito doente;

Porque há coisa pior: é o ir-se a pouco e pouco
Perdendo qual perdeste um ideal ardente
E ardentes ilusões — e não se ficar louco!

Sait-Just

Por EUCLIDES DA CUNHA

Quando à tribuna êle se ergueu, rugindo
— Ao forte impulso das paixões audazes
Ardente o lábio de terríveis frases
E a luz do gênio em seu olhar fulgindo.

A tirania estremeceu nas bases
De um rei na frente resumou — pungindo —
Um suor de morte, e um terror infindo
Gelou o seio aos cortezãos sequazes.

Uma alma nova ergueu-se em cada peito,
Brotou em cada peito uma esperança,
De um sono acordou — firme o Direito —

E Europa - o mundo, mais que o mundo, a França
Sentiu numa hora sob o verbo seu
As comoções que em séculos não sofreu!...

Dantão

Por EUCLIDES DA CUNHA

Parece-me que o vejo iluminado,
Erguendo delirante a grande frente
— De um povo inteiro o fúlgido horizonte
Cheio de luz, de idéias constelado!...

De seu crânio vulcão — a rubra lava
Foi que gerou essa sublime aurora
— Noventa e três e a levantou sonora
Na frente audaz da população brava!...

Olhando para a história — um século é a lente
Que mostra-me o seu crânio resplandecente
Do passado através o véu profundo...

Há muito que tombou, mas inquebrantável
De sua voz o êco formidável
Estruge ainda na razão do mundo!